


PRÁTICA DOCENTE EM GEOGRAFIA: REFLEXÕES E POSSIBILIDADES NO MUNICÍPIO DO OIAPOQUE - AP


TEACHING PRACTICE IN GEOGRAPHY: REFLECTIONS AND
POSSIBILITIES IN THE MUNICIPALITY OF OIAPOQUE – AP

PRATIQUE ENSEIGNANTE EN GÉOGRAPHIE: RÉFLEXIONS ET
POSSIBILITÉS DANS LA MUNICIPALITÉ D'OIAPOQUE - AP

Alacide Lemos Leite¹

 0000-0002-7606-1147
srlemosleite2020@gmail.com

José Mauro Palhares²

 0000-0001-9311-1049
jmpalhares@gmail.com

1 Professor da Rede Básica de Ensino do Município do Oiapoque, Mestrando em Geografia Pela Universidade Federal do Amapá. <http://lattes.cnpq.br/4009407955388525>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7606-1147>. E-mail: srlemosleite2020@gmail.com.

2 Professor do Colegiado de Geografia da Universidade Federal do Amapá, Campus Binacional do Oiapoque - AP. <http://lattes.cnpq.br/8262131787816202>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9311-1049>. E-mail: jmpalhares@gmail.com.

Artigo recebido em outubro de 2025 e aceito para publicação em dezembro de 2025.



RESUMO: O artigo discute a relevância da pesquisa como prática pedagógica no Ensino de Geografia, defendendo que o professor deve atuar como mediador e investigador de sua própria prática. A pesquisa é apresentada como elemento central para desenvolver o pensamento crítico dos estudantes, articulando teoria e realidade. A reflexão se fundamenta em uma abordagem qualitativa, baseada em revisão bibliográfica realizada em fontes como SciELO e Google Acadêmico. Tomando Oiapoque-AP como recorte empírico, o estudo destaca que as transformações locais, especialmente a possível exploração de petróleo, tornam indispensável uma educação geográfica que estimule investigação e análise dos impactos socioambientais e culturais no território. São discutidas três propostas de pesquisa: a investigação da alimentação escolar, o estudo da pesca artesanal indígena e a análise ambiental do rio Oiapoque. Conclui-se que, mesmo com limitações estruturais, práticas investigativas tornam o ensino mais significativo, fortalecem a autonomia dos alunos e ampliam sua compreensão socioespacial.

Palavras-chave: Professor-Pesquisador. Ensino de Geografia. Oiapoque - AP. Práticas Pedagógicas.

ABSTRACT: The article discusses the relevance of research as a pedagogical practice in Geography Education, arguing that teachers should act both as mediators and as investigators of their own practice. Research is presented as a central element for developing students' critical thinking, connecting theory and reality. The reflection is grounded in a qualitative approach, based on a literature review conducted in sources such as SciELO and Google Scholar. Using Oiapoque-AP as the empirical focus, the study highlights that local transformations, especially the potential oil exploration, make a geographic education that encourages investigation and analysis of socio-environmental and cultural impacts indispensable. Three research proposals are discussed: the investigation of school meals, the study of Indigenous artisanal fishing, and the environmental analysis of the Oiapoque River. The study concludes that, even with structural limitations, investigative practices make teaching more meaningful, strengthen students' autonomy, and expand their socio-spatial understanding.

Keywords: Teacher-Researcher. Geography Teaching. Oiapoque - AP. Pedagogical Practices.

RÉSUMÉ: L'article aborde la pertinence de la recherche en tant que pratique pédagogique dans l'Enseignement de la Géographie, en affirmant que l'enseignant doit agir à la fois comme médiateur et comme enquêteur de sa propre pratique. La recherche est présentée comme un élément central pour développer la pensée critique des élèves, en articulant théorie et réalité. La réflexion s'appuie sur une approche qualitative, fondée sur une revue bibliographique réalisée dans des sources telles que SciELO et Google Scholar. En prenant Oiapoque-AP comme cadre empirique, l'étude souligne que les transformations locales en particulier la possible exploitation du pétrole, rendent indispensable une éducation géographique qui stimule l'investigation et l'analyse des impacts socioenvironnementaux et culturels sur le territoire. Trois propositions de recherche sont discutées: l'enquête sur l'alimentation scolaire, l'étude de la pêche artisanale autochtone et l'analyse environnementale du fleuve Oiapoque. L'étude conclut que, malgré les limites structurelles, les pratiques d'investigation rendent l'enseignement plus significatif, renforcent l'autonomie des élèves et élargissent leur compréhension sociospatiale.

Mots-clés: Enseignant-Chercheur. Enseignement de la Géographie. Oiapoque - AP. Pratiques pédagogiques.

INTRODUÇÃO

O Ensino de Geografia, além de atender à sua função como disciplina curricular, deve guiar os alunos na formação de um pensamento crítico e reflexivo sobre o ambiente em que estão inseridos. Para que essa criticidade se desenvolva, é essencial que os docentes utilizem abordagens e estratégias investigativas que motivem os alunos a se tornarem pesquisadores das dinâmicas do espaço geográfico e das relações entre sociedade e natureza. Considerando que, “[...] ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua própria produção e a sua construção” (Freire, 2001, p. 52).

Porém, colocar em prática essas metodologias não é uma tarefa simples. Elas demandam uma organização, uma logística, uma infraestrutura material que, muitas vezes, a escola pública não consegue garantir. Elas também exigem planejamento, monitoramento e avaliação, ou seja, precisam ser preparadas para antes, durante e depois da ação, o que consome tempo, um recurso escasso para professores que lecionam em várias turmas e em horários variados.

Apesar de todos os percalços, nós Professores (pesquisadores) de Geografia, temos a capacidade de criar aulas práticas (que deslumbram, mas também enriquecem o entendimento dos alunos) tanto dentro quanto fora da instituição de ensino, aproveitando uma variedade de oportunidades para observar o espaço. Tudo se resume à perspectiva do professor-pesquisador, pois, muitas vezes, o que nos impede de avançar não é a falta de infraestrutura ou logística, mas sim a necessidade de um novo olhar sobre o nosso próprio ambiente de ensino.

Direta ou indiretamente, como Professores de Geografia, já exercemos o papel de pesquisadores, mesmo que de forma involuntária, especialmente quando estimulamos nossos alunos a formular perguntas pertinentes que podem transformar de maneira crítica, participativa e autônoma a realidade em que vivem.

A partir desse contexto, este artigo propõe práticas pedagógicas investigativas que podem ser incorporadas às aulas de Geografia, enriquecendo diversos conteúdos do currículo. A intenção é motivar o estudante a se tornar protagonista na construção do conhecimento, entendendo que a aprendizagem em Geografia se forma através da observação, interpretação e análise da realidade, e não por meio de relações passivas de transmissão e absorção de conteúdos.

A reflexão se fundamenta em uma abordagem qualitativa, baseada em revisão bibliográfica realizada em fontes como SciELO e Google Acadêmico. Tomando como recorte empírico a realidade de Oiapoque, município situado no estado do Amapá, que é o principal campo de investigação desses autores e que, nos últimos tempos, tem atraído a atenção da mídia nacional e internacional em virtude da possível exploração de petróleo em sua área. Nesse sentido, a pesquisa geográfica é imprescindível para que os estudantes estejam aptos a entender e se posicionar em relação às transformações socioespaciais de seu local de vivência.

As transformações, tanto locais quanto globais, requerem um olhar crítico e reflexivo. Oiapoque, que sempre foi conhecido por ser um ponto extremo do Brasil “do Oiapoque ao Chuí”, já começa a ganhar outros significados no contexto atual. Isso porque “a cidade de Oiapoque, no norte do Amapá, pode se tornar a capital nacional do petróleo, caso a exploração proposta pela Petrobras na margem equatorial brasileira aconteça” (CNN Brasil, 2023).

A PRÁTICA DOCENTE COMO PESQUISA

Segundo Pedro Demo (2006) em seu livro *Pesquisa: Princípio Científico e Educativo*, a pesquisa se configura como um método global de ensino, porque implica criação, indagação e reconstrução do saber, não se limitando à memorização. Portanto, para o autor, a participação dos indivíduos é essencial no processo de ensino e aprendizagem, uma vez que aqueles que se envolvem ativamente conseguem compreender de maneira mais eficaz e têm uma maior capacidade de argumentação em comparação àqueles que não participam de forma dinâmica.

O professor, em diversas ocasiões, se vê discutindo com seus alunos assuntos que não estavam planejados para aquela aula e percebe que, nesses momentos, a turma se torna mais engajada, a aula se torna mais descontraída e a dinâmica da sala de aula muda radicalmente. Isso ocorre porque, mesmo sem uma intenção clara, o professor provoca nos estudantes reflexões sobre assuntos que os perturbam. Assim, ele dissemina saberes pela mediação, pela conversa e pela vivência.

A sala de aula, portanto, se estabelece como um local contínuo de reflexão e investigação, mesmo que esses processos ocorram de forma espontânea ou não planejada, conforme demonstram os estudos de Demo (2006):

Pesquisa enquanto princípio científico e educativo, integra todo processo emancipatório, no qual se constrói o sujeito histórico autossuficiente, crítico e autocritico, participante e capaz de reagir contra a situação de objeto e de não cultivar o outro como objeto. Pesquisa enquanto diálogo é um processo que se realiza no dia-a-dia, no compasso da vida, fruto e causa de interesses sociais em confronto, fundamento de uma aprendizagem que não se limite à mera reprodução; na acepção mais elementar, pode significar conhecer, saber, informar-se para sobreviver, para enfrentar a vida de modo consciente (Demo, 2006, p. 42-43).

Em consonância com o que afirma Demo (2006), é possível dizer que a pesquisa no contexto da prática docente possui um significado distinto em relação à pesquisa tradicional realizada durante a graduação, que serve para a elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso, bem como àquelas desenvolvidas na dissertação de mestrado ou na tese de doutorado. Ambas têm um caráter de investigação, mas o que as distingue são seus propósitos e metas. A pesquisa acadêmica se destina à produção de conhecimento sistematizado, ao passo que a pesquisa docente é analítica e reflexiva, voltada para o entendimento e a melhoria da mediação do conhecimento através de suas práticas de ensino. Além disso, “sabe-se que as pequenas pesquisas realizadas nos cursos de formação costumam ser apenas tentativas artificiais, incapazes de atender de maneira adequada aos requisitos essenciais para a formação do pesquisador” (Fávero; Pasinato, 2013, p. 1).

Dessa forma, as oportunidades de conduzir investigações na prática docente precisam ser reavaliadas durante a formação do professor, especialmente porque, como afirma Demo (2006, p.48), “Professor tem que ser Pesquisador, Socializador e Motivador”. Isso significa entender que a formação deve possibilitar ao professor tornar-se pesquisador de sua própria prática, investigando e adotando uma postura questionadora que se forma no dia a dia da sala de aula.

A pesquisa deve ser integrada como uma prática habitual, e não apenas como uma tarefa ocasional realizada por pessoas excepcionais para momentos e salários igualmente excepcionais. Ao contrário, simboliza, principalmente, a forma deliberada e participativa de viver a vida, a cada dia, a cada instante. Pesquisa não é qualquer tipo de conversa, discurso vazio, ou atividade desorganizada. Seu emblema mais parecido é o questionamento reconstrutivo (Demo, 2007, p. 10).

Assim, pode-se afirmar que tanto a Educação Básica quanto o Ensino Superior são responsáveis pela formação de indivíduos críticos e profissionais qualificados, para uma sociedade em constante evolução. Fazer a pesquisa acontecer na prática do professor é essencial, pois estimula uma atitude crítica, analítica e investigativa, tanto por parte dos alunos quanto do próprio professor.

A GEOGRAFIA E O ATO DE PESQUISAR

Segundo Cavalcanti (2010), os professores de Geografia estão se empenhando para descobrir estratégias que despertem o interesse coletivo alunos, alinhando os conteúdos que relacionam as espacialidades local e global com as vivências cotidianas dos estudantes. Nesse sentido, ensinar Geografia é muito mais do que apenas passar conteúdos, é mesclar modos de saber próprios da investigação científica com a prática cotidiana no espaço que se habita.

Santos (2005) argumenta que o espaço é uma construção social que está em constante transformação e é multifacetada. Para compreender esse espaço, faz-se imprescindível investigar as relações socioespaciais, as informações sobre o território e as dimensões econômicas e culturais que o constituem. Portanto, quando o professor ministra aulas de Geografia, deve assumir uma postura de pesquisa para unir teoria e prática, local e global. Assim, o ato de ensinar é inseparável do ato de pesquisar.

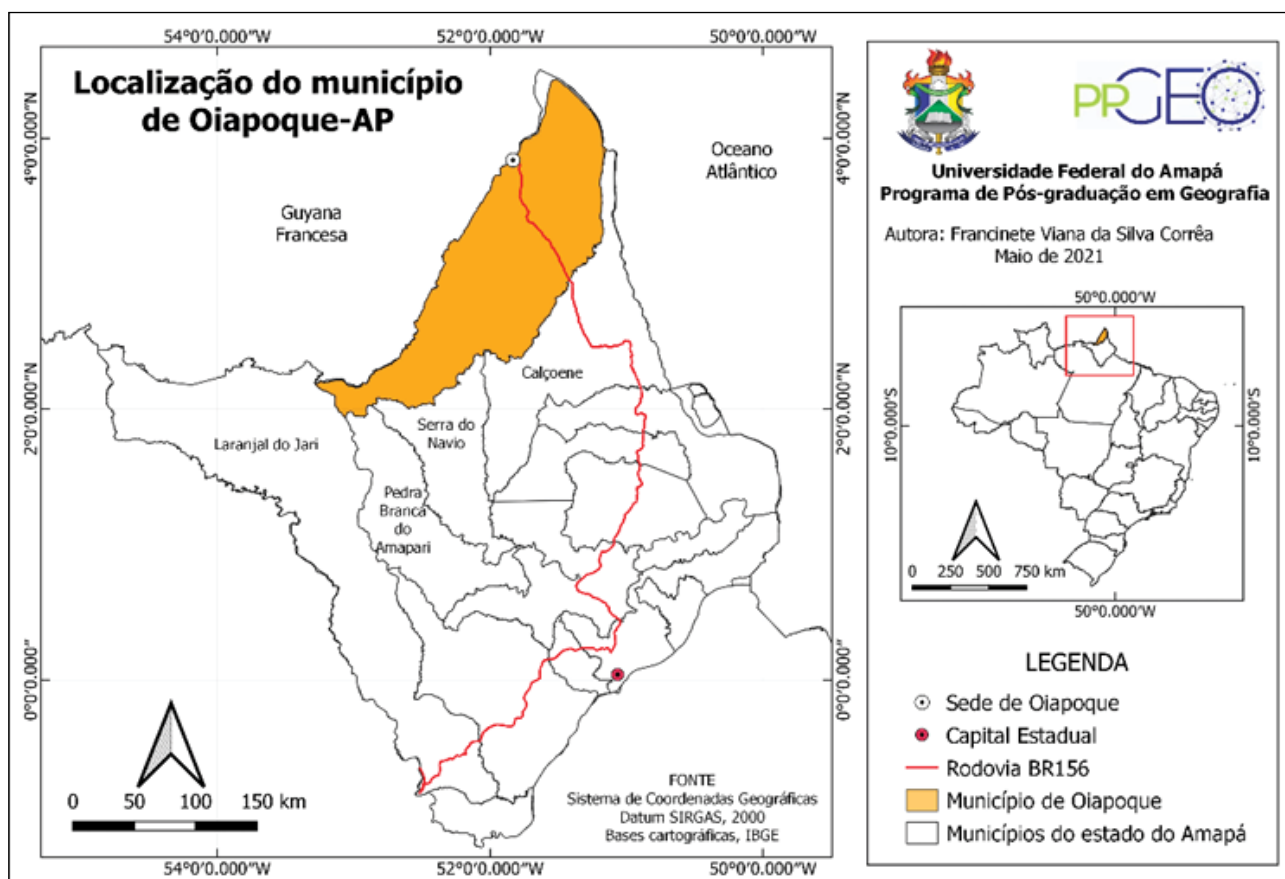
A noção de Geografia investigativa também encontra respaldo na dimensão teórica do espaço e do lugar apresentada por Massey (2002). Em sua obra “Globalisation: what does it mean for geography?”, Massey defende que os lugares são “nós de redes” nas relações de poder e fluxos, o que exige do pesquisador (e do professor) uma análise crítica e relacional dos fenômenos espaciais, deixando de lado descrições estáticas. Isso implica, na prática pedagógica, estimular os estudantes a identificarem as conexões entre o local e o global, a desafiar as desigualdades e a formular perguntas investigativas sobre o que os cerca.

Cavalcanti (2019, p. 10) assegura que “a Geografia serve na escola e na formação das pessoas para pensar - essa é sua utilidade maior”. Portanto, a realização de pesquisas e investigações por meio de atividades de campo se estabelece como um método eficaz para enriquecer o pensamento geográfico, o pensamento crítico e as competências investigativas dos alunos. Ademais a investigação metodológica não é um capricho teórico-prático da Geografia; é uma práxis indispensável para capacitar os cidadãos a questionarem criticamente as mudanças espaciais do presente, do passado, e do futuro. Além disso, na medida em que o professor associa sua formação pessoal à sua prática pedagógica, torna-se mais autônomo profissionalmente, reconhecendo que a efetividade do seu trabalho está intimamente ligada à qualidade da aprendizagem dos alunos.

Dessa forma, a atuação do professor está diretamente relacionada aos recursos e métodos que ele aplica para alcançar resultados educacionais mais eficazes. Nesse sentido, o que você faz em sala de aula, muito mais do que quem você é, é o que realmente importa para que haja processos de aprendizagem significativos (Fávero; Pasinato, 2013, p. 3).

POSSIBILIDADES DE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INVESTIGATIVAS EM GEOGRAFIA NO CONTEXTO DO OIAPOQUE-AP

O município do Oiapoque (Figura 1) está localizado no estado do Amapá, antes conhecido pelo jargão “do Oiapoque ao Chuí”, tem passado por significativas transformações devido à possibilidade de exploração de petróleo em sua área.



Fonte: Francinete Corrêa (2021).

Figura 1. Localização do município de Oiapoque.

Considerando a diversidade cultural, a grande presença indígena, a fronteira com a Guiana Francesa e as dinâmicas ambientais complexas, as práticas pedagógicas investigativas são ferramentas poderosas para que os alunos alcancem uma compreensão crítica sobre o seu local de vida. A pesquisa do lugar, em um contexto repleto de mobilidade populacional, transformações socioambientais e múltiplas identidades, torna o ensino de Geografia mais significativo e conectado ao cotidiano dos alunos.

Segundo Straforini (2018, p. 7) “[...] o conhecimento geográfico é o meio para que os educandos compreendam as espacialidades produzidas a partir das intenções entre os múltiplos componentes espaciais presentes na própria cotidianidade dos alunos”. Portanto, ao implementar práticas pedagógicas investigativas, fortalece-se a análise da compreensão e interpretação do ambiente do aluno.

Assim, as aulas de Geografia, ao serem elevadas ao nível de investigação científica, cumprem sua função, uma vez que o estudo dos diversos conteúdos que fazem parte da disciplina “[...] só será

valido se for para a construção de significados, ou seja, se esses estudos tiverem significado na vida das pessoas e dos nossos alunos” (Pontuschka, 2007, p. 31).

Dessa forma, ao implementar métodos e estratégias de pesquisa como parte da prática educativa, o professor tem uma maior chance de alcançar resultados positivos na aprendizagem dos alunos. Nessa linha, propõem-se algumas práticas investigativas de ensino que podem ser integradas ao planejamento do professor de Geografia. Todas as propostas apresentadas neste texto foram elaboradas com base na realidade do município do Oiapoque, mas também podem ser utilizadas como referência para outras iniciativas em diferentes cidades e estados.

Pesquisa 1: Saúde e alimentação escolar

Público-alvo: Ensino Fundamental 1

Dentro das próprias instituições de ensino, é possível desenvolver investigações voltadas à alimentação escolar. Nesse sentido, tendo em vista a grande presença de alimentos regionais no Oiapoque, os estudantes poderiam investigar a aceitação e qualidade da merenda escolar, se os alimentos são oriundos da agricultura familiar, quais alimentos típicos como peixe, farinha, açaí, melancia, poderiam ser incorporados à merenda e pensar em estratégias para incentivar uma alimentação saudável na escola e comunidade.

Produto final possível: Gráficos, entrevistas, reportagens escolares ou folheto de sugestões.

Pesquisa 2: Pesca artesanal indígena

Público-alvo: Ensino Fundamental 2

Os estudantes não precisam se limitar a aprender sobre as práticas culturais indígenas por meio de textos ou memorização; eles podem ir até as aldeias Manga, Galibi e Kuahi para entrevistar ou conversar com os membros dessas comunidades, uma vez que essas aldeias estão localizadas nas proximidades da zona urbana. Podem ainda visitar o Museu Kuahi e ver de perto algumas técnicas tradicionais, como a pesca com arco e flecha ou com arpão, os períodos de pesca e como manejam o ambiente. Esses conhecimentos podem ser conectados aos ritmos da natureza, como marés, fases da lua e ventos, e comparados aos “marcadores naturais do tempo” utilizados pelos povos indígenas.

Produto final possível: minidocumentário, diário de campo, mural cultural.

Pesquisa 3: Investigação sobre o ambiente local: o Rio Oiapoque

Público-alvo: Ensino Médio

Ao invés de utilizar apostilas que tratam do tema “poluição da água”, o professor pode sugerir uma visita de campo para observar um segmento do rio Oiapoque. A classe pode coletar amostras de água e documentar a ocorrência de analisar resíduos, cotejar cores e cheiros, registrar com fotos, desenhar e fazer anotações. Em seguida, os alunos podem debater perguntas como: De onde origina o lixo? De que maneira a poluição impacta a pesca artesanal e a saúde dos habitantes? Que ações podem ser adotadas para minimizar esses efeitos?

Produto final possível: relatório, maquete, cartaz explicativo ou exposição fotográfica.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados desta reflexão evidenciam que as práticas pedagógicas investigativas, quando integradas ao Ensino de Geografia, contribuem significativamente para o desenvolvimento do pensamento crítico e para a compreensão socioespacial dos estudantes, pois “não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino” (Freire, 2001, p. 32).

Ao ensinar, o professor não pode se limitar a transmitir conteúdos; ele também deve investigar a realidade, questionar, pensar sobre sua prática e principalmente incentivar seus alunos a serem questionadores e não aceitar tudo o que são lhe impostos. Portanto, a pesquisa não deve ser vista como uma atividade desvinculada da sala de aula, pesquisar significa procurar compreender o mundo a fim de modificá-lo, e isso também integra o processo de ensino.

Ao apresentar as três propostas de pesquisa: alimentação escolar, pesca artesanal indígena e investigação ambiental do rio Oiapoque, demonstra que é possível aproximar os conteúdos curriculares da realidade vivida pelos alunos, mesmo em contextos escolares com limitações estruturais. “É fundamental termos presente que a aprendizagem envolve compreensão, pois o que se aprende sem compreender não é verdadeiro” (Pontuschka, 2007, p. 31).

Portanto, aprender não é só decorar, mas sim compreender significados, relações e aplicações. Quando um estudante absorve algo sem realmente entendê-lo, esse aprendizado é efêmero e não se mantém; ele não se transforma em capacidade de análise, reflexão ou ação.

Neste interim, nota-se que ao transformar o cotidiano em objeto de estudo, o professor amplia as possibilidades de aprendizagem, estimula a participação ativa dos alunos e fortalece a relação entre teoria e prática. Os estudantes desenvolvem sua capacidade de análise e interpretação de dados ao realizar a pesquisa sobre alimentação escolar, ao mesmo tempo em que reconhecem a importância da agricultura familiar e dos hábitos alimentares da região. A pesca artesanal indígena traz à tona discussões sobre cultura, território e ciclos da natureza, permitindo que os estudantes relacionem saberes tradicionais com saberes científicos.

Assim, essas experiências de investigação ajudam os estudantes a entenderem que eles pertencem ao que estão estudando, reconhecendo o espaço geográfico como um cenário no qual eles são protagonistas e envolvidos nos eventos que os afetam. Essa relação, que faz parte do processo de evolução de sua própria realidade, tende a acontecer cada vez mais à medida que se reconhecem como parte desse espaço (Straforini, 2018).

A pesquisa acerca do rio Oiapoque, por outro lado, ressalta o quanto as saídas de campo podem ser uma estratégia eficaz de sensibilização socioambiental. Quando os alunos passam a observar e registrar as condições do rio, começam a entender a relevância dos recursos hídricos para a economia da região, principalmente no que diz respeito à pesca e à vida das comunidades indígenas, ribeirinhas e da população em geral. Essa atividade provoca reflexões acerca dos efeitos da poluição, as responsabilidades que temos como sociedade e as políticas de proteção ao meio ambiente. Conforme Cavalcanti menciona, (2019, p. 64) “[...] ensinamos geografia para que o estudante desenvolva o pensamento geográfico. Então, início assumindo que o pensamento geográfico é a capacidade geral de realizar a análise geográfica de fatos ou fenômenos”.

De maneira geral, os resultados discutidos indicam que a pesquisa aliada à prática docente potencializa a autonomia dos alunos e consolida o professor como mediador e pesquisador de

sua própria atuação, sem contar que o contexto de Oiapoque, que passa por transformações socioeconômicas em função da provável exploração de petróleo, torna ainda mais urgente um ensino geográfico investigativo, que prepare os estudantes para entender e se posicionar frente às mudanças e desafios do presente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta aqui apresentada revela que a Geografia é uma disciplina que, quando ensinada de maneira investigativa, se torna um espaço fértil para o pensamento crítico, para a autonomia intelectual e para a consciência socioespacial dos estudantes. A aplicação de práticas de ensino investigativas permite à escola ir além dos modelos tradicionais, que se baseiam na mera memorização, ligando os conteúdos às vivências dos alunos.

Essa perspectiva se torna ainda mais significativa no contexto do município de Oiapoque, uma vez que o território está passando por processos recentes de visibilidade política e econômica, principalmente devido à possível extração de petróleo na área. Para que os estudantes consigam compreender essas transformações e seus impactos, é fundamental que haja metodologias de ensino que promovam a observação, a análise, o debate e a participação ativa, fortalecendo o papel da Geografia como uma ciência voltada para a formação de cidadãos críticos.

Chega-se à conclusão de que, embora os desafios estruturais e logísticos façam parte da realidade da escola, eles não são um impedimento para que se estabeleça uma prática pedagógica investigativa. Pelo contrário, pequenas ações, observações do meio e estudos de campo acessíveis podem enriquecer bastante o ensino-aprendizagem. Dessa forma, é importante lembrar que o professor de Geografia, ao pesquisar sua prática, é essencial para construir vivências de aprendizagem significativas, atreladas à realidade local e que podem contribuir para a formação integral dos estudantes.

REFERÊNCIAS

- CAVALCANTI, L. de S. **Pensar pela Geografia: ensino e relevância**. Goiânia: C&A Comunicação. 2019.
- CNN BRASIL. **Oiapoque pode se tornar capital nacional do petróleo**. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/economia/macroeconomia/oiapoque-pode-se-tornar-capital-nacional-do-petroleo/>. 2023. Acesso em 10 dez. 2025.
- CORRÊA, F. V. da. S.; ESPÍRITO SANTO, C.M. do.; PALHARES, J.M. Potencial Educativo do Patrimônio Geomorfológico como suporte para as Práticas Geoturísticas no município do Oiapoque-AP. In: **A Pesquisa na Pós-graduação na Amazônia Brasileira: um olhar a partir do Amapá**. Alexandre Luiz Rauber; José Mauro Palhares (organizadores). Macapá: UNIFAP, 2022. (Volume 1 - Paisagem e Dinâmicas Ambientais).
- DEMO, P. **Pesquisa: princípio científico e educativo**. 12. Ed. São Paulo: Cortez, 2006, 128p.
- DEMO, P. **Educar pela Pesquisa**. 6. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2007.
- FÁVERO, A. A. Pasinato, D. O Docente Universitário como Profissional Pesquisador de Sua Própria Prática. **Revista Contrapontos** - Eletrônica, Vol. 13 - n. 3 - p. 195-206 / set-dez 2013.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

MASSEY, D. Globalisation: what does it mean for geography? Traduzido da versão publicada no periódico **Geography**, v. 87(4), p. 293-296, 2002.

PONTUSCKHA, N. N.; PAGANELLI, T. I.; CACETE, N. H. **Para Ensinar e Aprender Geografia**. São Paulo: Ed. Cortez, 2007.

SANTOS, M. **Sociedade e Espaço**: A Formação Social como Teoria e como Método. Da Totalidade ao Lugar. São Paulo, EDUSP, 2005.

STRAFORINI, R. O ensino de Geografia como prática espacial de significação. **Estudos Avançados**, São Paulo-SP, v. 32, n. 93, p. 175-195, ago. 2018.